

PEDRO MIGUEL
RIBEIRO



A
ÚLTIMA ILUSÃO



Para a Debby e o Afonso.

Para os meus pais.

Para o Luís Marques.

E para o David Mendes.

Tira o entendimento aos chefes dos povos
da Terra, e os faz vaguear pelos desertos,
sem caminhos...

Bíblia. Antigo Testamento. Livro de Jó

12-12-2004

GERÊS

Estranhamente, não há sangue. Não há feridas. Não há corpo nem vivo nem morto do rapaz. Mas há, isso sim, demasiada comoção, pavor e desorientação. E demasiada inexperiência que tolda a frieza necessária para analisar o sucedido. São todos jovens, ainda demasiado agarrados à ideia de que a vida não se esgota para não ficarem assustados perante a evidência de que ela se abrevia. E neste medo de imberbes no batismo de fogo, os perplexos colegas olham em redor e nada veem. Procuram ali por perto e não encontram nem sinal de quem ali abandonaram.

O cenário sugere um epitáfio. Os rapazes, esvaídos de espírito, querem apenas desfazer o sortilégio. Voltar atrás no tempo uns minutos que seja.

Se tal pudessem fazer, seria este o quadro bucólico a que regressariam:

«Ainda se sente o vento frio da manhã de inverno, apesar do sol alto das doze horas. No horizonte, os contornos da montanha estão mais definidos por aquela luz que fere a vista nos céus limpos de dezembro, quando aqui os há.

Algures, perto da estrada que serpenteia de Germil para Soajo, esgueiram-se garranos por entre penedos de granito que parecem lá ter sido largados como berlindes de uma brincadeira entre gigantes.

A brisa traz de todo o lado o odor das urzes, do tojo, até o da própria pedra quente que está do fogo solar que a fustiga. Falta o das abundantes giestas, que só haverão de florir daqui por uns meses, quando a primavera já estiver a meio. Aí cobrirão de dourado a encosta da Serra Amarela, lá ao fundo, e darão razão de ser à sua

algunha. Por agora, e como sempre, há no ar também a presença generosa do estrume abundante do gado miúdo que ali prospera.

Diriam os cínicos citadinos que a tranquilidade cheira a bosta.

Não deixa de ser verdade.»

Este é o cenário. Resta acrescentar ao quadro um rabisco contínuo e sinuoso que parece desenhar-se sobre os prados rarefeitos, em curvas e contracurvas entre penedos médios e pedregulhos gigantes. É um caminho estreito, de chão pisado por poucas dezenas de pastores e poucas centenas de animais ao longo de poucos milhares de anos. Por ele, ajudando a calcar ainda mais o solo, avançam os passos cautelosos de dois miúdos procurando rumo.

Um deles leva na mão um aparelho para leitura de sinal de satélite. É um bloco revestido a plástico amarelo com um pequeno mostrador e não muito maior que um rádio a pilhas. Trata-se de um GPS rudimentar, vá. E chamamos-lhe GPS com pompa e petulância, pois sendo essa uma funcionalidade corriqueira de entre as mil dos telemóveis de hoje, era no entanto, nesta época a que recuámos, ainda uma reluzente novidade.

O rapaz gosta de o ter entre mãos, mesmo que por empréstimo: é um brinquedo que nunca foi seu, nem nunca será. Nota-se pela forma cuidadosa como o segura com as duas mãos enquanto lê ansiosamente as coordenadas no mostrador.

Está ele ocupado com o fascínio dos números no ecrã quando o seu colega o sobressalta com um grito entusiasmado:

— É aqui!

Tenta calar-se de imediato: um garrano espantou-se, aparentemente, com o som. Num movimento brusco, desloca-se a trote uns metros na direção dos rapazes. Estes vacilam, mas não arrepiam caminho. O medo do coice é menor que a admiração de ver mais de perto aquele belo exemplar: pelo pardo-claro, belas crinas escuras a penderem do pescoço altivo para o dorso, mancha

branca-de-neve mesmo entre os olhos, encimando o longo focinho. Talvez por se sentir venerado, o equídeo logo se afasta, deixando-os a salvo.

É que onde há um garrano há mais. E se calha a debandada, leva a manada pelo caminho quem pelo caminho estiver. Garrano é um cavalo de pequeno porte, dirão os manuais de zoologia. Mas a três passos de distância, um cavalo pequeno é à mesma um bicho bem mais alto que o homem. Mais vale não arriscar.

Concluindo o óbvio, o guardião do aparelhómetro não deixa de reprimir, em surdina, o outro que gritou:

— Ei! Menos volume! Olha os cavalos, pá!

— OK, desculpa! Mas é neste trilho. E é aqui: olha...

— É aqui nada, puto! No papel não é esse o número que está escrito.

— Pois, mas isto não é exato. Arredonda-se.

— Mano: Latitude 41° 77 minutos 92 segundos: é o que está no papel. No leitor está 41° 77 minutos e 80 segundos. Conclusão: ainda não é aqui.

— Meu, acredita em mim... eu sinto que é aqui.

O debate mantém os dois miúdos num impasse alguns minutos. E a discussão dura tempo suficiente para que cheguem outros dois. Parecem pertencer ao mesmo grupo. E aos que chegam, fazem os dois primeiros sinal para conterem os impulsos abrutalhados e falar baixo, moderando também os gestos. Não é tarefa de somenos: estão todos na flor da adolescência e das hormonas. Têm todos uns quinze, dezasseis anos. Não mais. Perante a paragem dos dois da frente lançam já a pergunta ansiosa:

— Então? É aqui?

Um «não» assertivo e um «sim» convicto saem ao mesmo tempo da boca dos dois desentendidos que lideram a expedição.

Ante a perplexidade dos recém-chegados, o jovem que prefere seguir o instinto às coordenadas exatas do aparelho, percebe que chegou o momento do finca-pé:

— Olha... vocês avancem mais, se quiserem. Eu fico. É o que faz sentido! Estas pedras aqui... esta vista... faz sentido. O papel diz: «onde as pedras são um berço»... Desculpem, mas é o que me parece.

Sempre fiel ao seu prodigioso brinquedo tecnológico que lhe foi emprestado pelo professor de Informática, o outro líder do grupo contraria, apimentando a discussão:

— Pois é, Chibas. Tu és mais de poesia, eu sou mais de matemática: a coordenada não diz isso.

— Não significa nada, Zé. E não me chames Chibas, já sabes que não curto.

— Qual é o mal, meu?! *Chibas...* como o whisky!

Sabes perfeitamente que não me chamam isso por causa do whisky, pensa, mas não diz.

De que vale? Num grupo de rapazes na flor da adolescência, quem mais se mostrar chateado com as provocações, mais provocado será.

Estão, pois, estes quatro na dita flor: da adolescência, das hormonas e da zombaria. Das brincadeiras que ofendem, mas que são aceitáveis na base da pertença ao grupo. Pelo menos, é isso que é exigível ao oprimido: o calduço inocente, a alcunha maldosa, a praxe traumática. Faz parte. É habitual. Sempre se fez assim, e chega a ser tradição. Supõe-se que a pequena ofensa é também um brando costume, verdade?

Talvez. Exceto se a soma de muitas pequenas maldades der por resultado uma maldade imperdoável.

Chegam, entretanto, mais alguns rapazes ao local onde o quarteto está parado. Normalmente, nestas idades, quanto mais rapazes chegassem, mais audível seria a algazarra. Mais bruscos os modos. Mais extremada a discussão.

Este grupo de jovens, no entanto, parece um pouco mais comedido que um qualquer recreio de escola. À recomendação de fazer silêncio perante o território dos garranos, respondem todos com disciplina e respeito adultos.

Meninos de coro não serão. Mas «grupo de jovens» assentá-lhes bem, dado o catolicismo do termo. Notará o observador mais atento, por esta altura, que todos têm algum adereço em comum: uma boina ou uma camisola com um símbolo que parece ser de uma instituição religiosa. Em maior detalhe, é possível vislumbrar o conteúdo do emblema. Eles vêm todos de um orfanato. E são «eles» sem exceção, porque na instituição só há rapazes.

Perguntam ao magote porque é que está tudo parado. Zé aproveita para acusar antes de esclarecer:

— Aqui o Chibas das Letras acha que o instinto dele é mais poderoso que a ciência da computação.

— E aqui o Zé das Matemáticas acha que não é preciso arredondar cálculos, e que estas coordenadas são para medir ao pintelho.

— Pintelhos é o que tu ainda não tens, ó palhaço! Este ponto que tu queres está doze segundos atrás do que deve ser. Limpa os ouvidos e escuta: Não é aqui.

— Tens de arredondar, já te disse!

— Ai, é?! Arredondas aqui ou arredondas para a frente, génio. Mas antes de arredondar tens de chegar ao ponto indicado, não é lógico?

— Eu fico. Eu sei que é aqui.

Com a convicção dos adivinhos, Chibas, que acaba de falar, aponta para uma das frases de um papel com instruções que traz na mão. Parece que estão a fazer um jogo de pistas qualquer. Porventura, uma caça ao tesouro. Daqui a uns anos, quando forem importados nomes da Internet para fingir que são novas as coisas que já faziam, irão chamar-lhe Geocashing.

«Chibas» insiste na poética inspiração do seu palpite:

— Olha só: «Tira o entendimento aos chefes dos povos da Terra e os faz vaguear pelos desertos, sem caminhos...», é mesmo para usar o instinto, não percebes?

Tenta convencer o auditório. Mas já percebeu que será em vão.

Ao mesmo tempo, Zé, de monitor de GPS estendido na palma da mão, percebe que não vai convencer o colega a continuar seguindo a preciosa engenhoca emprestada. Olha em redor e apercebe-se de todos os restantes colegas que chegaram.

Quórum reunido. Passa-se ao voto mais ou menos democrático:

— Vá... já cá estamos todos? Então siga: quem quer ficar aqui com o profeta?

Ninguém levanta a mão.

— Quem quer seguir o GPS mais um bocado?

Todos levantam a mão menos um.

— Pois bem me parecia: Chibas, Chibinho, se queres escavar aqui, vais ter de escavar sozinho! A gente ali vai despachar-se mais rápido e já te vem buscar, 'tá bem?

Com um riso gozão, Zé afasta-se com o resto dos rapazes para os trilhos por entre os cavalos. O benjamim do grupo, alheio à discussão, mas de olhos focados no reluzente plástico amarelo da bússola eletrónica ainda puxa pela camisa do líder cravando um favor.

— Ei! Ó Zé Paulo, não posso levar o GPS só este bocadinho?

— Desampara a loja, ó meia-dose. Toma lá isto, mas é: vai dar ali ao «profeta», pra ele se divertir.

Zé Paulo estende-lhe uma pá. Desolado por receber das mãos do guia um instrumento tão analógico em vez do brinquedo digital, corre na direção inversa e atira-a aos pés do colega que deixam para trás.

— Chibas... toma!

E torna a acelerar o passo avançando para junto do grupo, a ver se não o perde de vista.

O rapaz que ficou sozinho suspira enquanto apanha a ferramenta do chão. Gostava de ter levado a sua avante. Quiçá afinal a fé o vá trair? Quiçá esteja enganado? Pouco importa. Não tem, nesta ocasião, muito mais a perder do que o orgulho. E como já se

percebeu, neste grupo na flor da adolescência, ele é o provocado, não o provocador. Se não tiver sucesso na missão, gozado será. E depois? Que mal daí virá ao mundo que o hábito não o tenha já ensinado a aguentar?

Está sozinho. E sozinho então vai seguir o rumo em que acredita. Embrenha-se por entre os rochedos. Avança em direção a um nicho que se forma abrigado pelo enorme volume de dois penedos encostados um ao outro. Um curioso capricho da erosão que mais parece ter criado uma habitação: uma casa criada pelo acaso, tendo o vazio escuro por porta e volumosa rocha dura por paredes e telhado.

Lê sofregamente a sua cópia das pistas no papel que traz na mão, o tal que, segundo ele, tem as coordenadas demasiado certas e um enigma demasiado vago.

*Ali, no ventre da Terra... na boca do corpo do mundo...
Onde as pedras são um berço, que embala o solo fecundo*

Nem mais para a frente, nem mais para trás. Instinto, fezada ou inspiração divina, algo lhe diz que vale a pena ferir a terra com a pá mesmo ali. E assim, escava.

Nem um minuto passa e rapidamente sente o baque metálico abafado pela terra que sinaliza que a lâmina da ferramenta acaba de chocar com uma caixa.

O som férreo da colisão faz acreditar que se trata de um baú. O rapaz antecipa já o orgulho com que vai exibir a descoberta aos colegas. Mas não vai chamá-los de imediato: quer apreciar o momento com a tranquilidade que merece.

Sorrindo de expectativa, dá por si a recitar de cor a outra pista do enigma:

*tira o entendimento aos chefes da Terra
e os faz vaguear pelos desertos...*

Escava ainda mais. Primeiro com a pá, depois com as mãos, que mitigam com mais eficácia a sofreguidão de quem busca um achado. Com a ponta dos dedos, afasta os torrões barrentos da tampa do baú. Sobre essa superfície está gravado a canivete aquilo que parece ser uma data:

12-12-24

O sorriso ansioso já se abriu num quase riso de entusiasmo. O olhar do miúdo ilumina-se. É adolescente. Mas para o efeito, neste momento, é tomado pelo espírito de uma criança da primária na véspera de Natal.

Algo incrédulo, repara uma vez mais na cópia da folha de instruções que trazia. O seu olhar é atraído para o canto superior esquerdo da página onde está a data do próprio dia: 12-12-04.

A coincidência só pode ser um sinal. E a sequiosa expectativa sai-lhe audível dos lábios quando exclama uma espécie de *eureka* em surdina:

— É isto!

Quase lhe sai também o grito para chamar os colegas e apresentar-se em triunfo, mas detém-se. Não pode gritar, que há cavalos ali à volta. Espantá-los é um grande risco: se a manada largar a correr em sobressalto, é certo que o leva no meio da debandada.

Mantendo o silêncio, observa com maior detalhe a arca metálica tal como um enólogo observará uma garrafa de vinho velho antes de se entregar ao ritual de a abrir. Não é um baú, mas é ainda assim bem mais ampla que uma caixa de sapatos. Tem a forma perfeitamente retangular, com duas estrias que a percorrem rodeando todas as faces uns centímetros acima da base e outros tantos abaixo da tampa. É de um metal baço, pintado de um tom castanho-mate. Não há cadeado ou fechadura que lhe salvaguarde o conteúdo. Era a terra que lhe servia de segurança.

Chegou o momento. Abre-a. E eis que, assim, abre a boca de espanto também.

Seja pelo alumínio prateado do interior, que reflete o sol, seja pelo conteúdo, a caixa parece soltar um radioso amanhecer. Adivinham-se raros e preciosos os pertences que guarda. Melhor: que guardava. Porque agora terão novo dono... ou donos. Chibas retira da caixa um relógio em ouro antigo que lhe parece valer uma boa maquia se o vender ao antiquário. Há também um anel. Há ainda, entre outras coisas, um maço de notas gordo.

Só nesse maço está mais dinheiro do que alguma vez viu na vida. Não que já tenha visto grande fortuna. A vida dele ainda é curta, e sendo ele órfão, a infância dele mais curta ainda foi.

Mas outro conteúdo na caixa chama a sua atenção: um estranho artefacto em madeira que acumula poeira, humidade e desgaste, sem que isso lhe retire a aparência mística de cofre sagrado. Pouco maior é que a concha formada por ambas as mãos do rapaz. No entanto, cada centímetro da tampa e das faces foi minuciosamente esculpido. É misteriosa a sua forma de polígono com doze lados. Tal como misteriosos são os baixos-relevos, escavados na madeira das faces, que configuram formas rudimentares, mas míticas: há faunos e bestas, anjos e demónios, herói e vilão digladiando-se. Pelo menos, assim parece, que a poeira retira nitidez.

Com um sopro, Chibas afasta o pó, a fim de melhor ver as iluminuras gravadas na madeira castanho-escura. Gostava de poder compreender estes segredos sozinho, mas parece que talvez só daqui a pouco, com ajuda, as conseguirá decifrar. No entanto, se o exterior do artefacto exala tanto mistério, que será de esperar então do seu interior? E assim, de curiosidade ainda mais aguçada, o jovem tenta abrir a caixa.

Ora cofre que é cofre faz-se difícil. Ainda para mais se tem aspeto de relíquia. Ao tentar forçar a abertura, salta da tampa, aparentemente, um pequeno alfinete dourado. Uma espécie de

palito em ouro com uma forma retilínea mas peculiar, como se fosse um fragmento de algum objeto maior.

Por que artes ou acasos insondáveis se produziu o que se segue não se sabe, mas imediatamente surge um clarão de luz que rodeia o rapaz e lhe ofusca a visão. Os cavalos assustam-se. A debandada instala-se. Largam a galopar desordenadamente em grande frenesim. O rosto do rapaz está tomado pelo susto. Lívido e paralisado, como parecem estar todos os seus músculos.

E a última coisa que ele vê, é um garrano galopando na sua direção.

Solta-se, enfim, um grito.

Ecoa pelos prados agora desertos.

E os outros rapazes, já uns trezentos metros mais abaixo no trilho, voltam subitamente as cabeças em direção ao som. Correm o mais rápido que podem, chamando pelo colega que ainda agora ouviram gritar.

A aflição injeta nas suas pernas a adrenalina que as move até à câibra. Ofegantes, trilho acima, os músculos, as articulações, todos mais lentos do que os corações lhes pedem. Quase tropeçando, quase caindo, num sprint esbaforido enquanto repetem em voz alta o nome do amigo.

Não há resposta, tentam acelerar nessa subida como se estivessem a correr uma descida. Os seus berros ainda espantam mais os cavalos que dispersam alvoroçados por toda a área. O som dos brados dos miúdos mistura-se com o tropel dos cascos que infunde um tremor no chão.

Quando se recordam desse detalhe da debandada, já parece ser tarde.

Quando enfim chegam ao local, já nada resta a não ser mistério.

Vagueiam algumas notas corridas pelo vento leve dentro de uma caixa vazia, a pá de lâmina suja de terra não longe dali. Mas não há tempo para sorrir à visão do tesouro encontrado pelo miúdo que afinal estava certo: é que a boina e o lenço,

espezinhados por inúmeras marcas em forma de ferradura, fazem crer que uma manada de inocentes infantícidias passou por ali.

Não há como dar com Chibas. Os segundos passam a minutos, os minutos passam a suspiros, e não há nem um indício. Parece ter-se desvanecido no ar. Abandonaram-no e isso pesa. Poderá estar morto. Desaparecido está, com certeza.

Zé não sai de onde está desde que chegou ao último paradeiro conhecido do jovem teimoso que deixou para trás. Retoma ainda o fôlego da corrida. Doem-lhe os pés, os pulmões e a responsabilidade.

Fincou os pés a uns vinte metros da entrada dos dois penedos que formam a tal «casa do acaso», e ali permanece imóvel com a passagem dos minutos, contemplando aquela desolação inexplicável enquanto os movimentos dos colegas em torno de si vão perdendo cada vez mais nexos. Todos estão cada vez mais receosos.

Dois deles começam a esforçar-se por sustentar as lágrimas. O medo toma forma e embarga-lhes a voz.

Zé observa ao longe o buraco entre os penedos. *Mas não é possível*, pensará ele. É um espaço demasiado estreito para alguém conseguir passar. Se ao menos...

— Onde é que ele está?

A voz de Jerónimo, um dos colegas — visivelmente dos mais nervosos — sai trémula e insegura. Corta o pensamento de Zé, que nem chega a responder-lhe.

Já outro companheiro, limpando os vidros embaciados dos óculos enquanto começa a soluçar, aproxima-se deles.

— Foi raptado! Só pode... isto aqui é perigoso, vamos embora!

Zé esforça-se por manter alguma calma no grupo:

— Raptado o quê, Pina? Tenham juízo! Vamos chamar o padre Freitas.

Há que passar a preocupação depressa a uma instância superior. O grupo vê na ideia uma perspectiva de alívio e saem dali todos a correr. Fora de cena quem não é de cena.

Mas Zé, esse que tão perentoriamente deu a ordem, continua imóvel. Pés enraizados teimosamente a vinte metros dos penedos. Desloca-se agora apenas um pouco em frente. Apenas uns passos, pois um metal reluzente perdido entre as ervas espezinhas captou a sua atenção: é o estranho alfinete dourado que por lá ficou, disparado sabe-se lá como da caixa que continha dentro sabe-se lá que energias. E sabe-se lá, de facto: porque Zé apenas está a assistir às sobras dos acontecimentos.

Baixa-se agora, de cócoras, para examinar essa agulha de ouro. O estranho objeto é visivelmente precioso. Parece-lhe, de alguma forma inexplicável, estranhamente familiar.

Como veio isto aqui parar? Que se passou com o Chibas? Quem o terá levado?

São demasiadas perguntas sem resposta. E quanto mais pensa, como a frieza não impera, e o gélido medo alastra, mais terríveis são as dúvidas que surgem:

Que coisa o terá levado?

Agora que os outros elementos do grupo já não estão ali, já não tem de fazer-se de forte. O temor chega num arrepio. Zé ergue-se de novo, mas tropeçando, trôpego, enquanto se benze às arrecuas.

O sol quente do meio-dia desmaia na correnteza de ar frio agreste que varre a montanha desnuda de árvores. Os seus raios, em breve, irão ceder à sombra do penedo.

O vento oeste corre, rápido como os garranos, assobiando nas frestas dos pedregulhos. Almas penadas de som, que vagueiam velando um miúdo levado sabe-se lá porquê. Sabe-se lá por quem.

Os despojos da descoberta do rapaz, do baú às notas que sobram, vão sendo arrastados pela brisa forte.

E o vento leva enfim, para longe, o lenço amarrotado de um jovem desaparecido.

12-12-2024

BRAGA

Vultos. Um som distorcido e grave. Eco.

Não se consegue perceber que formas são essas que invadem a visão — ou a imaginação — de quem também escuta o som. Tudo é indecifrável. Tudo é extremado e exagerado. Surreal, na forma e no conteúdo: há um quarto esconso, de dimensões desproporcionais. Um turbilhão de cinzentos. O ar tão gélido que resiste a que o respirem, e a noite: a interminável, impiedosa noite. Apenas o luar, recortado pelas grades que comprimem a liberdade da janela, ilumina a cena.

Agora um som de pancadas estremece a alma e desfoca a visão. São compassadas. Cada vez mais próximas. A cada pancada, um novo tremor.

Por fim, um estrondo e uma invasão súbita de luz.

A amálgama de traços, sombras e sons funde-se agora num retrato mais nítido: uma porta que se abre deixando antever a silhueta de uma criança a dormir numa cama que ocupa quase todo o minúsculo quarto. Na parede, uma janela, tão alta que é inalcançável.

Uma sombra invade agora a luz que se abriu, engolindo-a: é um vulto de pessoa que entra quarto adentro.

O som das pancadas compassadas volta a distorcer a imagem e ensurdece todos os outros ruídos. É cada vez mais forte. Cada vez mais assustador e intenso.

De repente...

Um homem acorda, num suspiro tão súbito quanto profundo. Tosse, engasgando-se com o ar demasiado que tentou meter nos pulmões.

Limpa o suor de pesadelo da testa enquanto mais umas pancadas compassadas se escutam.

— Zeph! Então? Estás aí?!

A maçaneta da porta move-se. De seguida agita-se. Os movimentos denunciam a ansiedade de quem tenta abrir. Nada acontece.

— Zeph! Abre a porta!

O homem levanta-se do divã ainda não refeito dos sustos que o pesadelo lhe trouxe. Abeira-se de um lavatório, perto de um largo espelho com uma gambiarra iluminada.

Adjacente ao espelho e ao séquito de lâmpadas que o emolduram, uma mesa em forma de parapeito serve-lhe de apoio. Sobre ela há apontamentos, um guião com anotações.

Além disso, chocolates seletos com várias percentagens de cacau, do «setenta e cinco por cento» ao intragável, águas com gás de marcas francesas, frutos silvestres em taça de cristal da Boémia, e outras tantas mordomias avulsas.

Entre elas, um ramo de flores viçoso com os cumprimentos da Câmara Municipal de Braga que tenta reclamar mais atenção do que as demais posses ali expostas.

As pancadas compassadas continuam a ouvir-se. Manda agora a ansiedade que os gestos frenéticos da maçaneta tenham passado já a fortes safanões na porta, perturbando a paz sacralizada deste camarim principal de teatro.

— Zeph... são quase oito da noite, querido! Estás vivo, ou quê? Zeph!

Cambaleante, o homem que acordou aproxima-se do lavatório privado do camarim e atira uma mão-cheia de água à cara. Passa as duas mãos pelo rosto suave de barba feita e os seus longos cabelos pretos tombam para a frente da testa. Não é agora que lhe vamos ver as feições.

A voz por detrás da porta insiste, em volume cada vez mais alto:

— Zeph!!

A porta abre de supetão. Do lado de fora está um assistente, como denuncia a indumentária, para quem conhece a vida dos teatros: está todo vestido de preto, umas calças largas com bolsos laterais, uma T-shirt larga e um auricular com microfone que usará tão frequentemente que já serão indissociáveis da roupa. Sobre o peito, estampado no tecido negro da indumentária, reluzem umas letras em fonte moderna, esguia e elegante, encabeçadas por um vistoso logótipo: «Zephiro».

Num suspiro canastrão, propositadamente exagerado, este homem que tanto batera à porta exclama com um alívio irónico:

— Graças a Deus, não temos de chamar os paramédicos!

Do lado de dentro do camarim, com a mão esquerda apoiada na aduela da porta e a direita na maçaneta, apresenta-se uma figura de roupão, peito descoberto, água a pingar do rosto bastante camuflado pelos longos cabelos negros de rock star na ressaca. Eis que Zephiro, o mágico, responde finalmente numa tirada fluida e satírica.

— Paulinho, meu caro: o grande Zephiro está espiritualmente pronto, mentalmente preparado e fisicamente um trapo, ainda que ninguém repare nisso.

— Ninguém repara porque és o maior!

— Ninguém repara porque a maquilhadora é do caraças e as luzes são escolhidas a dedo.

— Deixa-te de merdas. Estás pronto?

— Oh, sim! Pronto para um magnífico último espetáculo.

Dito isto, larga a maçaneta, atira o cabelo para trás com a mão direita, e inspira uma golfada de ar que quase assobia ao passar pelas narinas. daquelas que até dilatam as veias da testa. Os olhos fecham-se com força, as sobrancelhas apertam as pálpebras, e arregala-os de seguida, soltando um suspiro ainda mais canastrão do que o que o colega havia soltado antes.

Paulinho contempla o tique de vedeta com um riso aliviado. É reconfortante a sensação de trabalho feito que se aproxima com

o final da temporada. Entre os dois, naquela conversa de pé à porta, cheira a descontração de fim de ciclo e dever cumprido. A nota amarga está no facto de Paulinho achar que é um fim de capítulo, enquanto o seu artista insiste que é um final de carreira.

Conhece-o há muitos anos. Quase uma década de intenso trabalho em conjunto. Mais do que em conjunto, dir-se-ia simbiótico: Paulinho dera asas a inúmeros sonhos de Zephiro, e este último dera também energia ao percurso deste seu braço-direito.

Logo à primeira vista, contudo, percebemos que Paulinho é daqueles que já teve muito mais azar do que sorte na vida. Tem a face invadida por uma grande cicatriz de queimadura. Terá sido, talvez em tempos, um rosto perfeito e belo. O porte é atlético e a atitude decidida. Sobre a cabeça, e sob o aro dos auriculares, pousa um boné que evidencia tipicamente o «espírito de equipa» destes homens de bastidores, enquanto ajuda a disfarçar as disformidades que fazem para sempre parte da sua cara. Não é fácil habituarmo-nos a olhar para a sua pele martirizada e remediada. Mas talvez acabemos por deixar de reparar se nos focarmos no seu olhar bondoso e no seu sorriso franco.

Paulinho transparece a ideia de um bom espírito injustiçado por algum perverso acidente do destino.

E lê-se pela cumplicidade que é claramente o homem de confiança de Zephiro. Ora sendo das pessoas que melhor o conhece, das poucas que entra no seu círculo mais próximo, percebe que aquela referência ao último espetáculo é a oportunidade certa para lhe espevitar o ego:

— Último espetáculo? 'Tá bem, abelha! Reforma antes dos quarenta, é isso que o menino quer? Para mim tanto melhor, que deixo de te aturar.

Dá-lhe uma amigável pancada no braço, enquanto puxa pelo melhor do seu discurso motivacional. As palavras podem não ser as mais eloquentes, mas a história de muitas digressões em comum confere-lhes valor:

— Vá lá, deixa-te de merdas! Ninguém quer parar por aqui.

— Paulinho, não comeces...

— Ai começo, sim senhor. Começo e não acabo, vais ver: agora estás com essa conversa, mas eu conheço-te! Sobes ao palco, casinha cheia, duas ovações no primeiro ato e passa-te logo a neura!

— Não é neura: é oficial, meu querido. Não lês jornais?

Liminar, Zephiro aponta para uma manchete de um diário de hoje que assegura tratar-se do seu último espetáculo: o recorte de imprensa está pendurado na parede do camarim.

Paulinho tenta desviar com um gracejo.

— Sou português, meu querido, só leio bola.

Inspira sorrisos breves, a piadola. Mas aquele recorte é apenas um, de entre muitos, que confirmam a evidência: por muito que Paulinho queira insistir no contrário, o facto é que Zephiro, o grande ilusionista, vai retirar-se.

Fragmentos de imprensa variada cobrem essa parede do camarim. Nesse mosaico está contado o historial de mais uma temporada de espetáculos. Há retalhos do *New York Times*, *Le Monde*, *El País*, *Estadão*. Também os há, claro, nacionais. Todos atestam a grandeza planetária do mágico. Mas alguns, sobretudo os mais recentes, reafirmam o final da sua carreira.

Não é cá neura nenhuma.

Zephiro anunciou, está anunciado. E tudo o que ele faz tem impacto nos media. É preciso ter em conta que este artista que vos apresentamos é uma das figuras de destaque no espaço mediático mundial, e talvez até lusitano. Assim mesmo: é sabido que no que toca à divulgação de talento nacional em áreas que não o futebol, são normalmente as manchetes que se fazem lá fora que despertam a atenção de quem faz as manchetes cá dentro.

E os recortes de imprensa lá estão acumulados na parede, cumprindo uma boa superstição que a trupe carrega consigo de há uns anos para cá: o quadro de corticite com a salgallhada

de páginas e excertos, pregadas pelos pioneses à moda dos anos 1980. Não falha um título. Não falha uma coluna. Uma nota de rodapé que seja.

Paulinho conhece bem todos os pedaços de jornal ou revista: haverá algum arquivo lá nos meandros de um dos casarões de Zephiro onde se acumulam as muitas breves, colunas, quartos, meias e primeiras páginas que, por esta ordem, ele e a equipa foram recortando ao longo dos anos.

Os recortes de imprensa, neste camarim em Braga, acumulam-se já há largos meses: a última *tourné* de Zephiro dera a volta ao mundo. Eis que agora terminava na casa de partida, na sua cidade natal.

No emaranhado de manchetes recortadas, capas de revista, panfletos, fotos promocionais e cartazes do espetáculo, destaca-se um título da secção de cultura e sociedade de um jornal diário de tiragem nacional. Em letras garrafais, deixa escarrapachado: ZEPHIRO FECHA ÚLTIMA DIGRESSÃO NO BERÇO.

Parece que os olhos de Paulinho e Zephiro pousaram ao mesmo tempo nesse mesmo título. Eles, bracarenses de nascença, riem-se do lapso regionalista:

— Já viste estes palhaços? A chamarem «Berço» a Braga.

— Se calhar é por isso que hoje não está cá ninguém de Guimarães.

Os risos de escárnio duram mais um pouco. Serenam depois. Não deixa de ser verdade. Braga, pelo menos para o grande mágico, é berço.

Vemos então Zephiro pelos olhos de Paulinho. É, apesar dos inegáveis méritos, um homem bafejado pela sorte. Alto, com o corpo jovem, ainda a chegar às quatro décadas, trabalhado por ginásios, treinadores pessoais, e todas as comodidades que o dinheiro de uma carreira de sucesso pode comprar.

Salta à vista a estampa física e produção de imagem delicada que permite jogar na liga dos principais palcos, dos principais

talk-shows e dos cachets dos principais bilionários. Não gosta de atuar para sultões. Já lhes deu várias vezes preços para que recussem.

Nunca recusam.

Já muito petrodólar entrou na sua conta. E da sua conta verteu-se em imóveis espalhados um pouco por todo o mundo: a casa de praia em Azurara, o abrigo nas Astúrias, o duplex no Dubai, o loft em Lisboa, o monte em Monsaraz. Não lhe falta fortuna.

Também não lhe falta aura. Pele limpa e de bronzado natural. Os longos cabelos negros pendem desgovernados, mas pese embora o estilo grunge, emolduram de forma harmoniosa um rosto aquilino e delicado. Os olhos sugerem algum exotismo para os padrões ocidentais. São ligeiramente amendoados. Mais ainda após noites mal dormidas, como é o caso em temporadas de muitos espetáculos e mais viagens. Ainda assim, não é a saúde que lhe falta.

Que lhe falta, então?

Paulinho conhece-o há quase uma década e, mesmo assim, não consegue compreender. Não encontra razão que leve Zephiro a querer que este espetáculo seja o ponto final, e tem-se esforçado por não responder a quem lhe tem perguntado porquê. Há, de facto, a regra de ouro oficiosa das carreiras artísticas que diz que é preciso parar quando ainda se está em altas. Ou como diria Harvey Dent: *you either die a hero, or you live long enough to see yourself become the villain*.

Será isso, porventura, que estará por trás desta vontade do virtuoso animal de palco em deixar-se domesticar e retirar-se para o domicílio tão cedo?

— Está tudo? Precisas de alguma coisa?

— Não... tudo como deve estar. Tranquilo.

— Devias era ter dormido mais.

— Porque é que achas que me quero reformar?

Explicação velada para mistério mais denso. Zephiro nunca explicou ao certo e pediu a Paulinho para não lhe perguntar mais nada sobre o assunto.

Enquanto a porta se fecha, Paulinho devolve-lhe um sorriso honesto.

Em silêncio, ato contínuo, o grande mágico olha para o seu mundano reflexo no espelho e o seu sorriso esmorece até quase desaparecer. Sobra um esgar de ironia enquanto murmura para si mesmo, numa nota de estranha resignação:

— ... acabou.

Na trama bordada em pixéis dos ecrãs. Nos monitores solitários dos computadores a altas horas em divisões escuras. No reflexo dos telemóveis que ilumina o rosto em noites de eterna insónia. É nestes cenários que a solidão suburbana é vertida em textos que invadem o palco mundial.

Dedos invejosos de perfis tão verdadeiros quanto falsos, datilografam nas páginas e feeds imunes a esquecimento, onde cada frase tem o peso de opinião definitiva. E vê-se aprovada pelo like de um punhado de comparsas, ou pelo silêncio das multidões porque quem cala, consente: na rede social, a menos que comentemos contra, estamos a consentir.

Assim, entre o silêncio dos inocentes e os impropérios dos agressores, os elogios dão conforto a quem gosta do elogiado. Já os insultos, mobilizam.

No final da contenda, é sabido, ganham os que têm mais por hábito a sujidade. Os insultos, nas redes sociais, ferem de morte.

E as hienas do comentário virtual procuram sempre os mais afastados da manada: os indefesos, os inconsequentes e os expostos. Melhor ainda, para garantir sério sustento: os que, sendo ricos e famosos, são pouco poderosos.

Daí que profissionais do espetáculo sejam amiúde a caça grossa desta coutada cibernética. Bem-sucedidos serão, sim. Mas demasiado dependentes do julgamento do público.

Assim, Zephiro, que até goza de boa imprensa, como o placard de corticite na parede poderá atestar, nem sempre frui de boa opinião nas redes.

Nunca compreendeu porquê. Mas presente-o de cada vez que percorre esse ambiente cibernético: há um clube de comentadores contra ele.

Devia dar-se por satisfeito pelo seu sucesso mundial inquestionável. Mas está progressivamente transtornado pela inexplicável existência de tal manada de *#haters*. Tal é a sua obsessão pelo consenso, tal o desejo de agradar a gregos e troianos, que esta estranha minoria ruidosa é mais que pedra no seu sapato: é uma seta no seu calcanhar de Aquiles.

São poucos, mas comentam sempre. São contrariados, mas insultam quem contraria. E como os restantes milhões de leitores se calam, consentem. No discurso de ódio, não há meios-tons. Quem cala, concorda. Quem o contesta, leva.

Resulta assim que Zephiro é um génio amado por tantos, e muito mal-amado por uns poucos. Desistiu de perceber porquê.

Mas lá está: desistiu. Hoje é o último espetáculo.

E embora saiba bem que será aclamado e acarinhado nesta noite entre tantas outras, não consegue evitar beber o fel no ecrã do telemóvel. Este consome um pouco mais da sua autoconfiança, como um irrecusável cigarro consome sempre mais uns alvéolos pulmonares. Que é que se há de fazer?

Em Braga, já se pôs o Sol. Essa extraordinária cidade sem tempo, amálgama onde o peso da santidade das catedrais vai fundir-se com a ousadia dos centros de inovação universitários, anoitece no frenesim próprio de metrópole em construção.

Tão jovem como antiga. Tão fechada quanto aberta. Tão cinzenta de tons de céu e pedra, quanto garrida em tons de luz. Braga, velha centenária adolescente, dá-se, generosa.

Mas a cidade, tal como o seu filho Zephiro, dá-se demais.

Ambos são daqueles casos de joias escondidas que Portugal adora porque é demasiado complexado para as usar e mostrar a toda a gente. Quarenta e oito anos de fascismo a ensinar a doutrina do honorável miserável, fazem tanta mozza à autoestima, que viver de joelhos passa a ser considerado orgulho.

Por isso este espetáculo, que Zephiro quer tanto que seja o último, tem algo de muito sentimental.

Fosse outra a sua arte, talvez não houvesse espaço para sentimentalismos. Talvez o distanciamento fosse, aliás, condição *sine qua non* para o sucesso. Mas isso não é possível no ilusionismo: arte que, além de tardar em ser vista verdadeiramente como tal, anda a pedir aplausos do público desde que o mundo é mundo.

E faz parte do contrato do ilusionista com o público que ele seja alguém que lhe sirva o impossível. Reparem: é o impossível que estamos a ver. Mas está a ser-nos servido...

... em bandeja de prata.

Assim, para ser validado, o ilusionista precisa sempre das palminhas, como o entertainer precisa do povo. Sem aplauso, de nada lhe serviu servir o impossível.

É óbvio, portanto, que este último grande show de Zephiro pediria palco para uma só noite num dos maiores estádios da capital. Mas o mágico, tão afeto ao lado sentimental da mística, decidiu que dividiria esse protagonismo por três semanas de apresentações entre os seus paisanos, das quais hoje se cumpre a última sessão.

Os bilhetes esgotaram com a mesma rapidez novo-rica que esgota tournées de vedetas da pop em arenas cá do burgo, pouco importa o preço equivalente a meio ordenado mínimo. Ainda por

cima neste espetáculo aplicou-se o protecionismo patrocinado pela autarquia local: venda circunscrita ao distrito. Preços caros, mas não tão proibitivos.

Em Braga, sabemos, já se pôs o Sol. A fachada grená-clara e granito do Theatro Circo já está pintada pela luz dos holofotes. Sinaliza grande noite, enquanto a multidão se aproxima. A expectativa entre os transeuntes que se passeiam pela cidade foi crescendo mês de dezembro adentro, à medida que se cruzavam com os muitos cartazes e slogans de promoção do espetáculo.

Grande noite, mais do que todas as outras, em que o Circo é centro indisputado da cidade, até porque é um dos centros indisputados das atenções do mundo. Vai a caminho do iluminado edifício um jovem casal que tem desenhado no rosto o largo sorriso de quem leva o raro bilhete no bolso. Comem uma viúva. É estranha a frase, sim. Mais estranho é o nome deste doce. Ainda assim, ironia, mais do que estranheza, é o atributo que melhor assenta à cena: as viúvas que são doces em forma de trouxas, são criação das últimas freiras do demolido Convento dos Remédios. Consta que mesmo na virada do século já só restavam duas. Viúvas do Convento ficaram, que ele foi mesmo abaixo.

Nos «livros de gasto» onde as freiras anotavam os ingredientes e a receita do doce, não há registo de maldições ou pragas que elas tenham rogado a quem quis acabar com as ordens religiosas e destruir os aposentos das «noivas de Cristo» para rasgar ruas, avenidas e fazer casas de espetáculos. Não há registo. Mas sabe-se lá a que rezariam as monjas? Sabe-se lá se entre o bater da massa dos bolos não amaldiçoavam as duas a futura argamassa do Theatro? E seriam escutadas, certamente. Afinal, já dizia a Santa Teresa de Ávila, que «Deus move-se entre os tachos».

Mais polémica, menos polémica, mais protesto menos protesto, arrasou-se o Convento dos Remédios sem grande remédio que lhe valesse. E ergueu-se o resplandecente edifício do Theatro Circo que hoje brilha mais intensamente do que nunca.

Chegam cedo os espectadores. Estão todos tão expectantes quanto os milhares que os antecederam nesta temporada de os «Doze Trabalhos de Zephiro». Talvez mais ainda, porque se hoje é a despedida do mágico, algo de muito especial ele preparou certamente.

Uma última subida ao palco para fazer história, acessível apenas a umas quatrocentas almas com mais sorte que as outras. Esta última sessão de entre todas, será ainda mais exclusiva dentro da exclusividade que já a havia circunscrito a bracarenses *über alles*. Por isso mesmo, por alguma razão opaca que ninguém ainda explicou — e que causara a proporcional controvérsia —, a lotação nessa noite está limitada à plateia. Todos os três balcões de camarotes estão vedados.

Os bilhetes são mais caros do que o habitual, também. Mais escassos e mais caros: outra medida altamente impopular que acendera outra vaga de críticas, prontamente aproveitada de forma marginal por alguma imprensa, e de forma massiva por abutres do Twitter.

Alheio a tudo isto, Zephiro foi respondendo que fazia parte da conceção do espetáculo para essa noite. Que não havia como fazer de outra forma. Que é impossível revelar a razão. Que em breve daria novidades para acabar com a polémica — mais uma — que lhe atiram para cima do colo.

Não precisaria de se preocupar muito em apagar esse fogo. Pelo menos, a julgar pela devoção ingénua com que os espectadores têm sempre feito fila para entrar mesmo a horas de a porta abrir. Assim faz, como tantos, o casal que já escondeu a viúva no estômago. Ela mais que ele. Não tanto por ser mais gulosa que o noivo, talvez só porque, surpresa das surpresas, tem no ventre a boca de uma criança para alimentar. Ele já sabe. Ela contou-lhe hoje.

Não podiam estar mais felizes.

O mágico, que agora inicia o ritual de escolher a camisa que lhe parece mais impecável de entre todas as impecáveis que tem à disposição, ativa a aplicação do rádio no seu telemóvel. Por

definição está ligado na Antena 1: «Não tem anúncios. Tem muita informação. É ideal para quem tem pouco tempo», dissera, certa vez, justificando a preferência em entrevista a essa mesma estação.

Cá fora, à entrada do Theatro Circo, o cenário é de frenesim expectante. Lá dentro, no enorme camarim solitário de Zephiro, o ambiente é de tranquilidade perfumada com essências, apenas cortado pelo indicativo elegante em tons de swing de uma rubrica cultural da estação pública.

A voz dos radialistas toma conta da narrativa por agora:

«Ora viva, Rui. Estás “Mortinho por sair de casa”... e tu hoje, se pudesses, estavas caidinho em Braga: vai acontecer um dos espetáculos mais importantes do ano.»

«Ora viva, Zé Carlos, eu diria mesmo “O” mais importante do ano: se estiver em Braga, já não pode assistir — a menos que haja um milagre — uma vez que este espetáculo esgotou cada uma das sessões desta tournée.»

«E o bilhete não é nada barato...»

«Pois não. Mas toda a gente diz que vale a pena, embora muito pouca gente saiba o que lá acontece... é dos segredos mais bem guardados do mundo do espetáculo. Falamos, claro, do último show do mágico Zephiro: multipremiado, multiclamado, sem dúvida um dos melhores do mundo na sua arte — para muitos, é mesmo o melhor — e que já anunciou aos quatro ventos que este é o último espetáculo da sua última digressão.

«Será? Ou quer só deixar toda a gente a chorar por mais?!»

«Isso eu não sei dizer. O que sei dizer é que este último espetáculo, “Os 12 trabalhos”, é simplesmente imperdível — eu já vi, e o máximo que posso dizer é que nunca tinha visto nada assim — e apesar de ter feito sessões duplas e até triplas ao longo destes últimos meses, esgotou sempre. Repito: sempre. Em Londres, Paris, no Dubai, em Madrid, mas depois também no Porto, Lisboa, Funchal, Ponta Delgada... e agora na sua terra natal: Braga.»

Zephiro interrompe a tarefa da escolha da indumentária, para melhor se concentrar no que está a ouvir. Ato contínuo, recomeça a percorrer no telemóvel o feed, tão cheio de opiniões dos outros, da sua rede social.

«Por isso, se não é um felizardo com um bilhete na mão para este show, a única solução que tem é pedir que este não seja o último. Encha o Zephiro de mensagens a pedir para não se retirar. É precisamente o que muita gente tem feito nas redes ao longo do dia de hoje. Eu bem tentei ver outra vez e já não consegui.»

Zephiro está a ler mensagens com crescente atenção. O que lhe aparece, à medida que o polegar faz o ecrã correr para cima, ainda é bálsamo. Tudo carinho. Beijos e abraços quase anónimos, todos vulgares às arrobas: uma **Conceição@a_garota_são** pede que NUNCA ACABES; um **Jim@jim_naztic_88** roga-lhe PLEAZZZE DON'T GO!; uma **Kelly@o_k_diz_o_C** pede num português perfumado QUE ESSE SEU ÚLTIMO SHOW SEJA SÓ O ÚLTIMO DO ANO.

Pululam entre a selva de caracteres, ícones de corações, beijos, e mãos juntas em ação de graças.

Enquanto se dá este passeio cibernético, o programa de rádio continua audível. A voz do locutor sugere solução para o desgosto do colega, que já viu o show, e gostava de rever:

«Olha, podes sempre recordar! Vês as fotos e os vídeos.»

«Não há! Não podes... É dos poucos espetáculos em que és obrigado a deixar o telemóvel à entrada.»

Com efeito, à mesma hora que se escuta a emissão, as portas já abriram e o foyer do Theatro Circo rapidamente é povoado por ávidos espectadores. Cada um deles tem a alma fervilhante de expectativa e o peito repleto de orgulho. São eles os eleitos.

E de facto, o tal trâmite de entrega do telemóvel quase exige tanta formalidade, espera, e paciência quanto a passagem no controlo de segurança de um aeroporto.

Do foyer, inundado de imediato por suavizantes e auspiciosas melodias de swing, os espectadores, apresentado que esteja o seu bilhete, são convidados a subir as escadas laterais para o salão nobre, um piso acima. Assim fez a mulher que gosta de viúvas, mas que será bem servida de marido, pelo que já se percebeu. Não é qualquer um que consegue oferecer de presente a presença num dos mais raros espetáculos de sempre. Contou-lhe a épica história da sua sagacidade e perseverança noites a fio na busca dos escassíssimos lugares. Omitiu convenientemente o quanto o facto de trabalhar nos serviços da autarquia o ajudou na tarefa.

Não deixemos, ainda assim, que detalhes burocráticos manchem a beleza do momento. Lá está o casal, entre os outros privilegiados, a ser recebido no salão nobre com as honras reservadas à nobrezas: a ser fotografado numa passadeira vermelha, a receber um Porto de Honra — «lamento, não posso beber álcool», sorri a senhora afagando a barriga de esperanças — e assim avançam pelo soalho de madeira de castanho polida. Tão celebridades se sentem que mais parecem flutuar sobre ele.

Galeria fora chegam a um dos extremos da sala. É lá que encontram um imenso bloco de cacifos, em forma de prisma de doze lados, com cerca de três metros de altura e metro e meio de largo. Cada face está revestida de diversas portinholas que se fecham à chave.

Junto a esse misterioso contador pós-moderno, numa pequena secretária devidamente identificada com a iconografia do espetáculo, uma simpática rapariga, vestida com um mesmo uniforme todo em negro que identifica os elementos da equipa de Zephiro, recebe os telemóveis do casal.

Na entrega, o feliz noivo não deixa de manifestar a curiosidade:

— Então, e isso faz parte de um truque?

— Não posso dizer. Pedia só que assinasse aqui este termo de responsabilidade em como entrega o telemóvel à nossa guarda até ao final do espetáculo.

Ricardo Alexandre Ferreira, assina ele.

— Aqui está a sua chave, e pedia agora que assinasse este outro documento. Pode ser a senhora primeiro, se quiser.

— Ai é? E este outro é para quê?

— É para o seguro. No caso de qualquer dano no seu telemóvel, recebe uma caução aqui definida.

No formulário, que certamente terá levado boas horas de debate jurídico a produzir, há muitas letras pequenas, outras tantas pequeninas, mas um facto incontornável está plasmado no documento: «em caso de dano ou destruição total ou parcial do aparelho, comprovável pelas autoridades, será pago ao titular uma caução de 4000 (quatro mil) euros».

Sónia Beatriz Almeida, assina ela. Considerando o valor, Ricardo Alexandre comenta com caloroso calculismo:

— Eh lá! Olha que ainda nos sai a sorte grande!

Assim se vão enchendo o foyer e o salão nobre de risadas espirituosas, de flashes garbosos, de tinir de copos erguidos, de semblantes extasiados. De simpatias avulsas e boas graças abundantes.

O entusiasmo da plateia levanta fervura ao lume da expectativa. Mas atrás do palco, no recato dos bastidores, um solitário artista no seu camarim continua a ouvir a emissão enquanto não evita mais uma viagem pelo traiçoeiro emaranhado da rede social. E sendo que é impossível adquirir bilhete para «Os Doze Trabalhos», o locutor impõe a pergunta óbvia:

«Mas ó Rui, então, se já está tudo esgotado, porque é que estamos a falar deste espetáculo?»

«Porque o próprio Zephiro nos mandou uma mensagem com uma surpresa.»

O relógio passa a marca das 20h00. Estamos a hora e meia do início. Zephiro está pelos bastidores há mais tempo ainda. Sempre gostou de chegar cedo. Gosta de sentir a plateia vazia ganhar vida. Gosta de estar pronto a tempo de se concentrar, como sempre, atrás da última cortina, a ouvir toda a gente a entrar, da primeira

à última pessoa. Gosta de ouvir materializar-se no ar a magia do teatro. Uma magia verdadeira: que é física. Que é passível de explicação científica, e que se sente nos silêncios durante o espetáculo: quatrocentos corações a bater ao mesmo tempo, são audíveis. Quatrocentas respirações, são audíveis. O silêncio de uma plateia, que se instala após o burburinho colorido da expectativa inicial, logo que as luzes de sala se apagam: aí começa a verdadeira magia de um teatro.

No camarim, num exercício acabado de autoelogio (diriam os cínicos), Zephiro ouve o seu depoimento gravado a ser emitido no programa de rádio. Neste como em todos os outros a esta hora. Rádio e televisão. Podcasts e Internet a reboque. Coordenadamente, com a pontualidade dos radialistas, eis que a sua voz surge em todo o lado espalhando a boa-nova aos fiéis:

«Pois é, meus amigos. É o último. É mesmo. Paz à sua alma... E é hoje em Braga, na minha casa: o Theatro Circo. Queria só deixar um grande obrigado a todos os que sempre acreditaram no meu trabalho, e também aos que não acreditaram, porque isto é como o Cristiano Ronaldo: os que dizem mal também me motivam...»

Coincidência ou não, a doce torrente de mensagens de fãs que Zephiro acompanhava no seu telemóvel, já azedou.

Apanhou pela frente, muito mais vezes do que gostaria, um VAI E NÃO VOLTES!, um IRRA! ATÉ QUE ENFIM. Perfídias de perfis variados, ou pelo menos assim parecia, entre as que provinham de nomes que via pela primeira vez, e as outras provenientes com assinaturas que reconhecia de outras perseguições: uma **Jennifer@maldita_zheni_1984** festeja com FINALMENTE! ACABOU A FARSA!, um **David@david_copas_filled_Xx** alardeia VAYA PRONTO! MENUDO GILIPOLLAS!, um ordinário **Carlos@pho_de_arroz** insulta 200 BALAS POR BILHETE?!! ROUBO!! AINDA NÃO ENCHESTE A MULA, CABRÃO?

Alheia a este turbilhão, a voz gravada de Zephiro continua a ecoar no rádio, pregando a paz.

«E além de um agradecimento queria deixar também uma grande surpresa. É que a partir de amanhã já não há mais segredos: o espetáculo todo de hoje vai ser filmado e colocado em streaming amanhã às 12h12 e fica disponível até às 24h24. Todos os que quiserem vão poder ver, e todo o valor dos bilhetes vai servir para ajudar a Unicef. Mais ou menos o preço de um bilhete de cinema. Fica aqui este presente. Queria dizer até já. Mas terei de dizer: adeus.»

Termina a mensagem. Zephiro muda de estação e ainda encontra o seu som emitido noutra programa. Muda novamente: e ouve a mesma mensagem repercutida noutra emissora também.

A palavra foi divulgada massivamente, como queria. A lotação física do espetáculo limitava demasiado, é um facto.

Amanhã, o mundo inteiro será, de uma só vez, o seu palco. E todos poderão ver este seu apoteótico final. Nas redes, espera-se, o veredicto ser-lhe-á favorável. O plano, pelo menos, é esse. Não que isso o preocupe...

... mas por muito que não queira admitir. Preocupa.

Artista forte, ego fraco. É muitas vezes assim quando dependemos da aceitação. Zephiro volta a sintonizar a estação onde estava. Os locutores, em jeito de fecho, reforçam a mensagem que lhe interessa:

«Como não gostar deste tipo! Quer dizer, há quem não goste, mas se fossem assim tantos, ele não tinha sempre a casa cheia.»

«Ora bem!»

Zephiro olha uma última vez para o espelho e repete o que acaba de ouvir. Como se proferindo um tímido augúrio. Como se precisasse de se convencer novamente da verdade:

— Ora bem!

E agora que se aproxima a hora em que a cortina sobe, enfim, o mago fixa o seu olhar naquele que o espelho lhe devolve. Ao fazer isso sente-se já transportado para o que, daí a uma hora e pouco estará a acontecer.

«GOSTA DE SENTIR A PLATEIA VAZIA: GANHAR VIDA,
GOSTA DE ESTAR PRONTO A TEMPO DE SE CONCENTRAR, COMO SEMPRE,
ATRÁS DA ÚLTIMA CORTINA, A OUVIR TODA A GENTE A ENTRAR,
DA PRIMEIRA À ÚLTIMA PESSOA. GOSTA DE OUVIR MATERIALIZAR-SE
NO AR A MAGIA DO TEATRO. UMA MAGIA VERDADEIRA: QUE É FÍSICA,
QUE É PASSÍVEL DE EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA, E QUE SE SENTE NOS
SILÊNCIOS DURANTE O ESPETÁCULO: QUATROCENTOS CORAÇÕES
A BATER AO MESMO TEMPO, SÃO AUDÍVEIS.»



E se o melhor ilusionista da história fosse português? E se decidisse fazer o último espetáculo da sua carreira na sua cidade natal, em Braga? E se, durante esse espetáculo inigualável, fizesse desaparecer uma pessoa e esta nunca mais aparecesse? Mais do que um policial, Pedro Miguel Ribeiro proporciona-nos uma viagem fantástica entre locais reais e imaginários. Entre o passado e o presente, entre a linguagem literária e a do cinema. Uma história sobre ilusão e desilusão, sobre o peso daquilo que é dito, mas sobretudo daquilo que fica por dizer. Sobre julgamentos: terrenos ou divinos. E sobre aparências. As tais que, como quase sempre, iludem.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-514-0



9 789895 835140